



ANJOS

em minha



VIDA

Lorna Byrne



SEXTANTE

SUMÁRIO



- CAPÍTULO 1 *Um olhar diferente* | 7
- CAPÍTULO 2 *Os guardiões* | 16
- CAPÍTULO 3 *Uma escada para o Céu* | 27
- CAPÍTULO 4 *Por que você se esconde de mim?* | 39
- CAPÍTULO 5 *Elias* | 54
- CAPÍTULO 6 *Absorvendo a dor dos outros* | 62
- CAPÍTULO 7 *Uma criatura sem alma* | 71
- CAPÍTULO 8 *O intermediário* | 79
- CAPÍTULO 9 *O Anjo da Morte* | 84
- CAPÍTULO 10 *As bombas* | 90
- CAPÍTULO 11 *O Anjo do Amor Materno* | 101
- CAPÍTULO 12 *Uma casinha no campo* | 114
- CAPÍTULO 13 *Contando meu segredo a Joe* | 125
- CAPÍTULO 14 *Eu não sabia que tinha um anjo da guarda* | 135
- CAPÍTULO 15 *O poder da oração* | 142
- CAPÍTULO 16 *O túnel* | 150

CAPÍTULO 17	<i>Três batidas na janela</i>	159
CAPÍTULO 18	<i>“Lorna tem muita sorte...”</i>	171
CAPÍTULO 19	<i>“Estou aqui! Estou aqui!”</i>	183
CAPÍTULO 20	<i>A corrente dourada</i>	190
CAPÍTULO 21	<i>Preciso de alguns milagres</i>	201
CAPÍTULO 22	<i>Satanás no portão</i>	209
CAPÍTULO 23	<i>Almas gêmeas</i>	220
CAPÍTULO 24	<i>A visão de Joe</i>	226
CAPÍTULO 25	<i>Miguel me conta quem ele é</i>	236
CAPÍTULO 26	<i>Um espírito maléfico se apresenta</i>	246
CAPÍTULO 27	<i>Joe</i>	257
CAPÍTULO 28	<i>Uma pluma do Céu</i>	267
AGRADECIMENTOS		271



Um olhar diferente

Eu era um bebezinho quando minha mãe observou que eu parecia estar sempre num mundo próprio, só meu. Consigo me lembrar de ver, do berço, minha mãe se debruçando sobre mim. Em volta dela apareciam seres brilhantes, reluzentes, de todas as cores do arco-íris. Eram muito maiores do que eu, porém menores do que ela – tinham o tamanho de uma criança de 3 anos. Essas belas criaturas flutuavam no ar como plumas e me fascinavam. Eu tentava tocá-las, sem conseguir. Naquela época, eu não sabia que estava vendo algo que as outras pessoas não viam. E só muito mais tarde fui aprender que essas criaturas eram chamadas de anjos.

Com o passar dos meses, minha mãe notou que, por mais que se esforçasse para atrair minha atenção, eu sempre olhava fixamente para outro lugar. Na verdade, eu estava mesmo em outro lugar: estava distante dali, com os anjos, observando o que eles faziam, conversando e brincando com eles.

Comecei a falar um pouco tarde, mas desde muito cedo já me comunicava com os anjos. Às vezes usávamos palavras que todos conhecem; outras vezes isso não era necessário, pois líamos os pensamentos um do outro. Eu achava que todo mundo via o mesmo que eu, mas os anjos me disseram para não contar a ninguém que eu podia vê-los. Seria um segredo nosso. De fato,

durante muitos anos segui a recomendação deles e jamais comentei o que via. E agora, ao escrever este livro, estou falando pela primeira vez do que vi e vejo.



Quando nasci, em 1955, meus pais viviam em Old Kilmainham, próximo ao centro de Dublin, capital da Irlanda. Meu pai alugara uma pequena oficina de bicicletas. Nos fundos da loja, junto ao canto esquerdo, havia uma casa pequena e malconservada. Fazia parte de uma série de velhos casebres e pontos comerciais, mas a maioria estava vazia ou abandonada. Passávamos boa parte do tempo na pequena sala do térreo: ali cozinávamos, comíamos, conversávamos, brincávamos e até tomávamos banho numa grande bacia de metal em frente à lareira. Apesar de a casa não ter banheiro, descendo por uma pequena trilha, no quintal dos fundos, chegava-se a um galpão com uma privada. No andar de cima ficavam dois quartos pequenos. No começo, eu dividia um dos quartos, e uma cama, com minha irmã mais velha, Emer.

Eu não via apenas anjos (algo que acontecia constantemente, desde o instante em que eu acordava até a hora de dormir), mas também os espíritos dos mortos. Meu irmão, Christopher, que nascera um ano antes de mim, morreu quando tinha somente 10 semanas de vida. Mesmo sem o ter conhecido, eu podia vê-lo – ele tinha cabelos escuros, ao passo que eu e minha irmã éramos louras. Nós brincávamos juntos.

Naquela época eu não achava isso estranho. Para mim, era apenas outra criança, embora de aparência mais brilhante. Uma das primeiras coisas que me fez notar que ele era diferente foi o fato de sua idade mudar. Às vezes ele surgia na forma de um bebê, mas em outros momentos parecia ter a mesma idade que eu, caminhando em passinhos vacilantes pelo chão. Além disso, ele não estava sempre na casa; parecia ir e vir.

Numa tarde fria de inverno, deixaram-me sozinha na sala de estar quando começava a escurecer. O fogo aceso na lareira era a

única coisa a iluminar o ambiente. A luz das chamas tremeluzia no chão onde eu brincava com blocos de madeira que meu pai fizera. Christopher apareceu e veio brincar comigo. Sentou-se perto da lareira e disse que ali era muito quente para mim, mas para ele não havia problema, já que não sentia o calor do fogo. Juntos construímos uma torre. Eu colocava um bloco e ele, outro. A torre já estava ficando bem alta quando, de repente, nossas mãos se tocaram. Fiquei maravilhada, pois ele era muito diferente das outras pessoas. Quando encostou em mim, ele faiscou, como se soltasse estrelinhas. Naquele momento entrei nele (ou talvez ele tenha entrado em mim) e foi como se nos fundíssemos e nos tornássemos um só. Com o susto, esbarrei na nossa torre e derrubei todos os blocos.

Comecei a rir e toquei nele de novo. Acho que foi aí que percebi que ele não era de carne e osso.

Christopher aparecia muitas vezes ao redor da mamãe. Às vezes ela cochilava na cadeira perto do fogo e eu o via em seus braços. Eu não sabia se mamãe tinha consciência da presença de Christopher, então um dia perguntei a ele:

– Digo à mamãe que você está aqui?

– Não. Não pode contar a ela – respondeu ele. – Ela não vai entender. Mas às vezes ela me sente.

Num dia de inverno, os anjos se aproximaram da minha cama quando o sol raiava. Eu estava enrolada nos cobertores e minha irmã Emer, com quem eu dividia a cama, já se levantara. No lugar dela, Christopher se aninhava ao meu lado. Ele me cutucou dizendo:

– Olha, Lorna! Lá na janela!

Os anjos podem aparecer em diferentes formas e tamanhos. Naquela manhã, eram flocos de neve! O vidro da janela parecia ter se transformado em vapor, e cada floco de neve que a atingia se transformava num anjo do tamanho de um bebê. Depois os anjos seguiam num raio de sol através da janela, cada um deles coberto de flocos de neve brancos e brilhantes. À medida que me

tocavam, seus flocos de neve iam caindo em mim. Surpreendentemente, estavam quentinhos.

– Não seria maravilhoso se todo mundo soubesse que poderia encher os bolsos de anjos? – indagou Christopher. – Que poderia levá-los de um lado para outro e nunca estar sozinho?

Virei-me para ele e perguntei:

– E se eles derreterem dentro do bolso?

Christopher riu:

– Isso não! Anjos nunca derretem!

– Christopher, eu gostaria que você coubesse no bolso da mãe como um floco de neve e ficasse sempre com ela – disse eu, meio tristonha.

Ele me olhou.

– Você sabe que estou sempre com ela.

Quando eu já era adulta, minha mãe contou que, um ano antes de eu nascer, tivera um filho chamado Christopher, que só vivera 10 semanas. Minha reação foi apenas sorrir. Lembro-me de ter perguntado onde Christopher estava enterrado, e ela me disse que fora posto numa sepultura sem nome (como era o costume na época), num cemitério para bebês, em Dublin.

É triste não existir uma sepultura com o nome dele para que eu possa visitar, mas ele não está esquecido. Mesmo agora, tantos anos depois, sinto Christopher fingindo colocar flocos de neve no meu bolso, para me lembrar de que nunca estou sozinha.

Descobri mais coisas a respeito de Christopher e minha mãe por volta dos 4 ou 5 anos. Estava sentada à mesa, balançando as pernas e tomando o café da manhã, quando vi de relance Christopher, aparentando cerca de 12 anos. Ele atravessou correndo a sala em direção à oficina assim que mamãe entrou com algumas torradas. Ela tinha um imenso sorriso no rosto quando exclamou:

– Lorna, tem uma surpresa para você na oficina, debaixo da bancada do papai!

Saltei da mesa empolgada e fui atrás de Christopher. Tive que parar na porta da oficina porque estava muito escuro lá dentro e eu precisava ajustar minha visão. Mas Christopher emitia um brilho suave e tremeluzente que iluminava o caminho para mim em meio à bagunça do lugar.

– A gata teve filhotes! – exclamou ele. E ali, graças à luz de Christopher, consegui enxergar os quatro gatinhos: três bem pretinhos e um preto e branco. Eram tão lindos e fofos! A mamãe gata, Blackie, saiu da caixa, espreguiçou-se e saltou pela pequena janela que dava para o jardim. Corri atrás dela e chamei Christopher para me acompanhar, mas ele não foi.

Voltei e perguntei a ele:

– Por que você não pode ir lá fora?

Christopher segurou minha mão, como que para me confortar, e nossas mãos se fundiram novamente. Eu adorava aquela sensação. Era mágica! Fazia com que eu me sentisse segura e feliz.

– Lorna, quando os bebês morrem, seus espíritos permanecem com suas mães pelo tempo que elas necessitarem, por isso fiquei aqui com mamãe. Se eu for lá fora, apagarei todas as lembranças, e não quero fazer isso.

Apesar da minha pouca idade, eu sabia o que Christopher queria dizer. Minha mãe dedicara muito amor a ele: guardava todas as lembranças da gravidez e de carregá-lo dentro dela, do parto, da felicidade de pegá-lo em seus braços e levá-lo para casa. Mamãe viveu algumas semanas preciosas com Christopher em casa, antes de sua morte, e ele me falou de todo o amor que ela lhe transmitira e que agora ele retribuía.

Assim, o espírito do meu irmão permanecerá na casa até o dia em que minha mãe estiver bastante fortalecida e preparada para prosseguir e deixá-lo seguir o próprio caminho. E isso aconteceu quando tivemos que deixar para sempre aquela oficina em Old Kilmainham.



Toda vez que vejo um anjo tenho vontade de parar e admirá-lo. Sinto como se estivesse na presença de uma força poderosa. Quando eu era mais nova, os anjos adotavam a forma humana com mais frequência, para que eu os aceitasse mais facilmente, mas agora isso não é mais necessário. Os anjos que vejo nem sempre têm asas, mas, quando têm, me impressionam: às vezes lembram chamas, e ainda assim possuem contorno e consistência. Algumas asas têm plumas. Um deles tinha asas tão esguias, compridas e pontudas que custei a acreditar que fossem mesmo asas. Fiquei com vontade de pedir a ele que as abrisse.

Os olhos dos anjos de aparência humana constituem uma de suas características mais fascinantes. São intensos, cheios de vida, luz e amor. É como se contivessem a essência da própria vida – sua luminosidade me preenche por inteiro.

Nunca vi os pés de um anjo tocarem o chão. Quando um deles caminha na minha direção, vejo uma espécie de colchão de energia entre seus pés e o solo. Às vezes parece um tapete fino; outras vezes é mais espesso, chegando a afundar na terra.

Desde que eu era bem pequena, um anjo em especial aparece para mim com regularidade. Na primeira vez em que o vi, ele estava no canto do quarto e apenas pronunciou meu nome. Em muitos aspectos se parecia com outros anjos, mas havia algo diferente nele. Seu brilho era mais intenso do que o dos outros e ele emanava autoridade, uma energia masculina forte e poderosa. Senti que estava pronto para me proteger, como um escudo. Ele continuou aparecendo e aos poucos ficamos amigos. Seu nome é Miguel.



Tive dificuldades na escola. A maioria dos professores me considerava lenta. Minha primeira comunhão foi realizada lá mesmo, quando eu tinha 6 anos, e foi horrível. Deveria ter sido um dia especial, como é para a maioria das crianças irlandesas. Enquanto estudávamos, nos preparando, os professores faziam pergun-

tas às crianças, a fim de verificar se tinham aprendido o catecismo, mas não se dirigiam a mim. “Não tem por que perguntar a você!”, diziam. E, quando as outras crianças formavam fila para dizer alguma coisa sobre a comunhão, eu tinha que entrar na fila também, mas depois era retirada e me mandavam sentar, antes que chegasse minha vez de falar. Não se pode imaginar como isso magoa uma criança. Quando eu me sentava no fundo da sala ou num dos bancos do canto, perguntava aos meus anjos:

– Eles não sabem que eu também conheço o meu catecismo? Não me dão nem chance.

No dia da primeira comunhão, na igreja, quando finalmente me dirigi ao altar, fui puxada pelo braço e tirada da fila de novo porque a professora decidira que as melhores alunas deveriam ir na frente.

Mas havia algumas pessoas boas. Quando eu tinha quase 4 anos, disseram a uma freira chamada madre Moderini (acho que era esse o nome) que eu era “retardada”, mas percebi que ela não pensava assim. Em suas aulas, me fazia perguntas que eu sempre sabia responder. Depois ela sorria e afagava minha cabeça.

Apesar desses eventuais gestos de generosidade, sempre fui considerada um pouco estranha. As pessoas notavam que eu era diferente e simplesmente não conseguiam entender por quê.

Esse aspecto da minha vida era bem complicado, e é ainda hoje. As pessoas dizem que sou muito ingênua, honesta demais para este mundo, mas não consigo ser de outro jeito. O mais estranho é que ser honesta, tanto no modo de pensar quanto no modo de falar, é difícil e tende a isolar a pessoa.

O jeito como me olham e o que pensam sobre mim ainda me afeta profundamente. Mesmo aqueles que não me conhecem sentem que de algum modo sou diferente. Quando saio com amigos e conheço pessoas que não sabem nada a meu respeito, elas sempre dizem a eles depois que há algo incomum em mim, que não sabem identificar. É duro conviver com isso.

Minha vida escolar foi suportável graças a um anjo chamado Hocus. Certa manhã, eu estava correndo para a escola, tentando acompanhar uma garota mais velha, quando de repente vi um anjo lindo escondido atrás de um poste. Ele fez uma careta para mim e, dali por diante, apareceria quase todas as manhãs nesse trajeto. Ainda o vejo regularmente.

Hocus parece um professor à moda antiga. Usa um jaleco (quase sempre azul, mas pode mudar de cor), um chapéu engraçado e carrega um pergaminho. Seus olhos são radiantes e cintilam como estrelas, e ele tem a energia de um jovem mestre, grande autoridade e sabedoria. Hocus nunca muda, diferentemente de alguns dos anjos que vejo. Miguel, por exemplo, adota uma aparência humana a maior parte do tempo – algo que pedi a ele porque achava mais fácil –, mas muda com frequência, dependendo de onde estejamos ou da mensagem que tem a transmitir.

Para mim, Hocus representa o conhecimento. Tem uma fisionomia muito séria, mas sabe me alegrar quando estou meio abatida. Era ele que me confortava e me dizia para ignorar as outras crianças quando elas me ridicularizavam na escola ou quando eu via os adultos cochichando num grupinho e depois se virando para olhar para mim.

– Eles não sabem nada – dizia-me Hocus.

A princípio, eu não sabia seu nome, pois ele não falava comigo. Hocus aparecia na sala de aula imitando a professora ou alguma criança, brincando ou aprontando qualquer outra coisa para me fazer rir. Às vezes, na volta para casa, ele me esperava no portão da escola ou do outro lado da rua.

Lembro-me da primeira vez que se dirigiu a mim. Eu não tinha ninguém para me acompanhar naquele dia, já que minha irmã fazia aula de dança e fora embora mais cedo. Saí devagar da escola e passei lentamente pelo pátio. Atravessei o portão na esperança de ver Hocus e poder conversar com ele, e fiquei emocionada ao vê-lo me espreitando por trás das pilastras. Ele gritou avisando que eu devia me apressar:

– Você tem que chegar em casa antes que comece a chover.

Parei no portão e olhei em volta. Não havia ninguém por ali, então perguntei o nome dele.

– Hosus – respondeu ele.

Dei uma risadinha e saí correndo para casa, e ele correu comigo. Só consigo me lembrar de que fui rindo a maior parte do caminho.